

INSTITUTO
 DOCUMENTAÇÃO
 SOCIOANTROPOLÓGICA
 Fonte: *Sem Fronteiras*
 Data: *Março/1999* 5-7
 Class: _____

ARQUIVO PESSOAL



POVOS INDÍGENAS

Makuxi, com prazer!

Ele conseguiu sarar sua história. É índio, com orgulho. E agora, também padre.

ENTREVISTA: REVISLANDE DOS SANTOS ARAÚJO

Quando tinha mais ou menos uns 7 anos de idade e morava com a mãe, Esmerinda, “numa espécie de maloca” na periferia de Boa Vista, junto com outros índios Makuxi, Revislande foi um dia convidado por um missionário a ser coroinha.

Coroinha? O pequeno Makuxi nem sabia o que era isso. Estava era interessado nas mangas que o missionário tinha trazido para a garotada.

Começava ali um contato que o levaria mais tarde ao seminário diocesano da capital de Roraima, quando ele tinha 15 anos de idade. “O que mais me chamou a atenção no padre foi o fato de ele ter vindo de fora, de longe”, recorda Revislande.

Lembra que os indígenas eram excluídos, chamados de “caboclos” pelo pessoal da cidade, por puro desprezo. “Aquele padre deixou sua terra e veio nos ajudar e lutar com a gente. Isso me questionou muito, e comecei a me perguntar por que eu não podia fazer a mesma coisa que ele. A partir dessa experiência, nasceu a minha vocação.”

No dia 29 de novembro de 1998, Revislande foi ordenado sacerdote em Boa Vista. “Isso é uma graça muito grande”, repetia Dona Esmerinda. Uma graça tão grande que ela, uma indígena, até bem pouco tempo atrás, achava que não merecia. “Hoje a coisa mudou. Ela começou a se valorizar”, afirma o novo sacerdote.

Não mudou apenas para a mãe. Mudou também para ele. Os anos de seminário o ajudaram a “refazer e sarar” a sua história, como ele diz. A redescobrir a própria identidade.

E foi assim que o menino de um dia, que aprendeu a pescar e caçar quando tinha 4 ou 5 anos e que achava isso muito bom, aprendeu também, com o tempo, o sofrimento e a luta, a gostar de ser índio. E a gostar muito.

Revislande, que coordena hoje o grupo dos Padres e Religiosos/as Indígenas da Amazônia Brasileira, insiste que “é fundamental aceitar e tratar o indígena como indígena, como diferente”. No respeito, sem tentar fazer do outro um igual.

A seguir, trechos da entrevista que concedeu à Irmã Arizete Miranda Dinelly, indígena Sateré-Mawé e integrante do mesmo grupo, e ao padre Fernando López Pérez, um jesuíta paraguaio que apóia o trabalho dos padres e religiosos/as indígenas. As fotos da terceira página mostram cenas do cotidiano dos Makuxi em Roraima.

Antes de entrar para o seminário, você se sentiu alguma vez discriminado?

Revislante – Na escola, uma vez, para me ofender, uma professora me chamou de “índio”. Não consegui fazer um exercício, e ela falou: “Esse índio velho é burro”. E tornou a me dizer: “Você é burro porque é índio”. Fiquei muito chocado. Quando cheguei em casa, contei para a mamãe. Ela me disse que nunca devíamos dizer para os outros que éramos índios. Que ela já tinha sofrido muita discriminação pelo fato de ser índia.

A partir daquele momento, comecei a esconder que eu era índio e pertencia ao povo indígena Makuxi. Quando alguma criança ou pessoa maior me chamava de índio, eu ficava muito ofendido, triste, deprimido. Na escola, ficava no meu canto, sem falar, totalmente retraído.

E no seminário, como foi?

– No seminário menor, em Boa Vista, não senti muita discriminação. No seminário maior, em Manaus, senti como a instituição não tinha incorporado e inculturado muitos elementos comuns e próprios de nossas culturas indígenas.

Um exemplo, que pode até parecer engraçado: toda a minha vida dormi na rede, e até hoje só sei dormir na rede. Na cama não posso, pois ficam doendo minhas costas.

Quando cheguei no seminário, em meu quarto não tinha lugar de atar a rede. Isso me fez sentir diminuído. Pensava que eu estava errado por não saber dormir na cama.

Minha mãe tinha me ensinado toda uma espiritualidade da rede: “Quando a gente sai, tem que amarrar a rede, porque senão nosso espírito fica dormindo

e não acompanha a gente...”. No seminário, ficava muito preocupado quando saía ou ia estudar. Como ia enrolar a cama, como amarrá-la? A impressão era que o meu espírito ficava dormindo. Quando uma coisa ruim me acontecia, pensava que fosse pelo fato de meu espírito ter ficado dormindo.

Esses pequenos detalhes do cotidiano, embora não pareça, nos fazem gastar muita energia. Acabamos fazendo um forte investimento na adaptação a elementos alheios às nossas culturas, pensando que são coisas essenciais para a vida religiosa, de padre. E esquecemos ou deixamos à margem o essencial.

“Quando cheguei no seminário, não tinha lugar de atar a rede. Isso me fez sentir diminuído. Pensava que eu estava errado por não saber dormir na cama.”

Foi difícil, para você, assumir o seu ser indígena?

– Foi um processo muito lento. Primeiro, foi difícil trabalhar minha própria aceitação. Tudo isso, comecei a ver no seminário. Lembro que brigamos muito para abrir o nosso próprio espaço.

Muito me ajudou entrar em contato com o pessoal de São Gabriel da Cachoeira (Alto Rio Negro): João Francisco (Tukano), Domingos Lana (Tariano) e Josimar (Tukano). Todos eles hoje são padres. Eles tinham as mesmas raízes que eu e se orgulhavam de pertencer a seu povo indígena.

Com eles comecei a perceber a beleza do povo indígena ao qual eu pertencia. Ajudaram-me a refazer e sarar toda minha história e pertença a meu povo, até chegar a uma total aceitação e valorização do meu ser índio Makuxi.

Todo esse processo foi também muito doloroso. Era refazer, aos poucos, tudo na minha vida, fazer um processo inverso ao que até o momento tinha vivido. Depois, comecei também a fazer esse processo com minha mãe...

Fale um pouco sobre sua mãe, Dona Esmerinda...

– Mamãe fala Wapixana e Makuxi, porém, até hoje, se alguém pergunta se ela fala essas línguas, ela nega totalmente. Eu sei bem a causa dessa negação. Sei muito bem o que ela sofreu. Durante muitos anos, apanhou muito para deixar de falar sua língua e falar português. Para ela, esse processo de sarar as feridas e reconhecer a própria identidade é muito difícil.

Um momento muito significativo da ordenação foi quando a Irmã Arizete (cônega de Santo Agostinho, indígena Sateré-Mawé) colocou um belo colar indígena sobre a casula, em nome do grupo de Padres e Religiosos/as Indígenas da Amazônia Brasileira. Espontaneamente, os participantes bateram palmas. O que significa para você esse colar?

– A Irmã Arizete, ao me colocar o colar sobre a casula, simbolizou minha pertença ao povo indígena e meu compromisso de resgatar e ajudar meus irmãos/ãs que estão na cidade a se orgulhar de suas raízes. O colar também me ajuda a não esquecer que ser fiel ao Evangelho é ser fiel às minhas raízes indígenas.

Isso é o que muitas vezes discutíamos no grupo de Padres e Religiosos/as Indígenas: temos que descobrir a presença e o processo do Espírito Santo dentro das nossas culturas e da sabedoria dos nossos povos, dentro do conhecimento dos nossos antepassados, das nossas lendas e mitos. Porque eu acredito que, como diz o Evangelho, o Espírito Santo sopra onde quer. Ele já estava presente muito antes de chegar o Evangelho nas nossas culturas.

Que significa hoje para você ser padre Makuxi?

– Anunciar o Evangelho a partir da nossa cultura indígena. Esse é um processo que nós, padres e religiosos/as indígenas, deveríamos ter mais facilidade de fazer. A inculturação do Evangelho hoje é uma urgente necessidade. Ela deve se dar não só nos conteúdos ideológicos, mas também na liturgia, celebração,



sacramentos. Devemos ir incultu-
rando o Evangelho com os traços
nossos, com nosso jeito de ser.

Assim, ser padre Makuxi significa
um compromisso forte com a incultu-
ração do Evangelho em todos os senti-
dos da vida do nosso povo indígena.
Só assim o Evangelho não será um
estranho, mas sim algo nosso, da nos-
sa vida e das nossas raízes indígenas.

***Quais os maiores desafios que você
encontra para viver como padre indí-
gena dentro da nossa Igreja?***

– Os desafios são muitos. Porém,
eu vejo uma porta aberta na nossa Igre-
ja de Roraima. Nosso bispo, dom
Apparecido, é uma pessoa muito sen-
sível à causa indígena. Ele é o atual
presidente do Cimi (Conselho Indíge-
nista Missionário). Tem uma abertura
muito grande conosco. A primeira coi-
sa que me disse foi que tenho que
estudar e aprender bem a língua Maku-
xi. Quando contei para ele meu desejo
de trabalhar com os irmãos/ãs indíge-
nas da cidade, vibrou e ficou muito
feliz. E deu total apoio.

Um outro desafio grande é encon-
trar pessoas, padres e religiosos/as in-
dígenas com os quais partilhar os
problemas e dificuldades que encontra-
mos nessa caminhada, como indígenas
membros da Igreja. Isso, justamente, é
o que pretende oferecer o grupo de Pa-
dres e Religiosos/as Indígenas da
Amazônia Brasileira, constituído há
quatro anos. O grupo é outra porta de
esperança em toda essa busca e cami-
nhada indígena da Igreja em nossa re-
gião da Amazônia.

***Que mensagem você deixaria para
os padres e religiosos/as indígenas
que trabalham na Amazônia?***

– Um verdadeiro religioso/a ou pa-
dre indígena somente é fiel a seu ser
religioso na medida em que é fiel à sua
raiz e cultura indígena. Sem isso, é um
padre capenga, um religioso/a capen-
ga. Repito: para o padre ou religioso/a
indígena ser fiel ao Evangelho, ao seu
ser religioso, tem de ser fiel à sua cul-
tura e às suas raízes indígenas. Porque
é justamente ali que está a raiz de nos-
so ser religioso mais profundo. ■